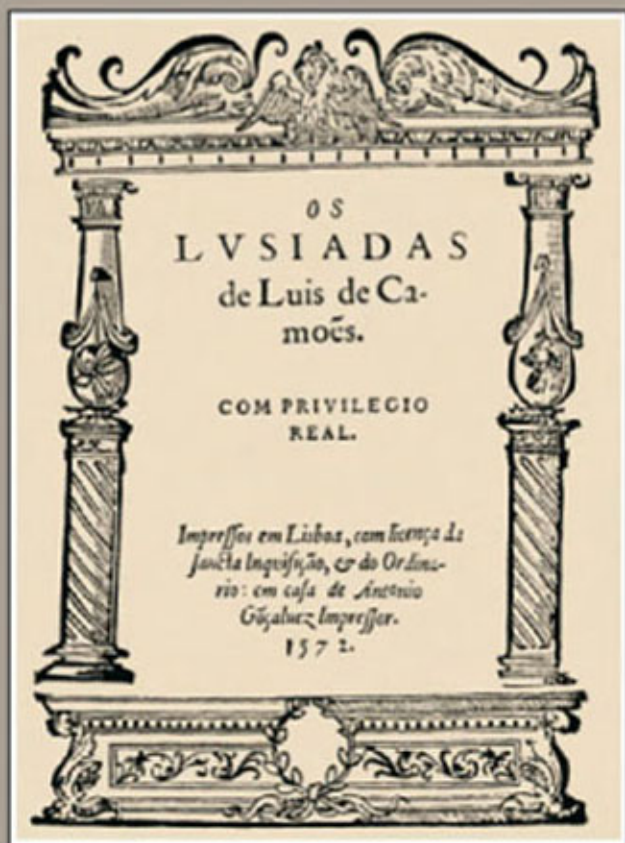


Teófilo Braga

# HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA

RENASCENÇA

Vol. II



## ACTUALIZAÇÃO DO TEXTO

por *JORGE DE FIGUEIREDO*

A parte poética e as transcrições de obras portuguesas, feitas pelo autor, são respeitadas, na sua maioria, por razões óbvias. As citações de obras estrangeiras sofreram, porém, as convenientes actualizações.

Condensando todos os nossos trabalhos sobre a grande época do século XVI — a Renascença portuguesa —, contém este livro as súmulas dos volumes: *Gil Vicente e as Origens do Teatro Português* (1898), *Gil Vicente e o Desenvolvimento do Teatro Nacional*; *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo* (1897); *Sá de Miranda e a Escola Italiana* (1895); *Ferreira e a Plêiada Portuguesa* (1873); *Camões, Época e Vida* (1907); *Camões, Obra Lírica e Épica* (1910); *Escola Camoniana* (1874); *O Humanismo Português* (1891). Milhares de páginas resumidas em algumas centenas, com o intuito de evidenciar a vista de conjunto, são corrigidas em factos e detalhes, metendo em construção contribuições críticas dispersas.

A literatura portuguesa envolve complicados problemas, que têm de ser estudados senão resolvidos no seu quadro histórico; não aceitamos a irredutibilidade desses problemas, mas a aproximação lenta e sucessiva por meio de hipóteses plausíveis e provisórias. Destes delicados processos de uma superior metodologia, escreveu Renan na apreciação de Fauriel: «Não se cria senão com amor, e atrevo-me a dizê-lo, com paixão; não se lançam os fundamentos de um estudo senão resolvendo muitos pontos sobre os quais a crítica está longe de proferir a última palavra. É sempre fácil, retomando pela análise e pelos detalhes a obra dos mestres o mostrar inexactidões, vistas antecipadas, conjecturas menos felizes do que outras; mas isto mesmo é uma homenagem e a mais bela recompensa do verdadeiro investigador, o de ter sabido poder produzir um movimento de estudos na sequência dos quais ele foi ultrapassado.»

Reconhecemos experimentalmente esta verdade; a discussão dos problemas acerca de *Gil Vicente*, de *Sá de Miranda*, *Bernardim Ribeiro*, *Cristóvão Falcão*, *Francisco de Moraes*, *Ferreira*, *Diogo Bernardes*, *Camões* e *Damião de Góis* provocou um movimento de estudos especiais, com achados felizes que anularam hipóteses provisórias. Atacados por essas ratificações de factos isolados, mas orientando-nos sempre no ponto de vista do conjunto, desconhecemos o azedume que levou Herculano a dizer: «*as misangas valem muito nesta nossa Guiné literária*». Dirige-nos a ideia formulada por Darmesteter: «O génio sintético é o que melhor compreende o *valor do detalhe e a necessidade da análise microscópica*, porque ele sabe melhor do que ninguém, que nenhum detalhe é insignificante... podendo revelar o segredo do conjunto.»

A história literária, como revelação do génio de um povo, no seu poder de emotividade e de aspiração generosa, pela expressão do sentimento da nacionalidade, é um aspecto que completa a história social e política. Actuais acontecimentos obrigam a reconhecer a solidariedade destas duas histórias. Se a Europa conhecesse o quadro da cooperação do génio português na grande época da Renascença do século XVI, Portugal não se veria exposto às ameaças da doutrina imperialista contrapondo à sua potência moral a força material: «*Os fracos hão-de ser sempre a presa dos fortes.*» O século XX não será devastado por outros mais aperfeiçoados Hunos e Tártaros; os nacionalismos egoístas serão subjugados pela consciência da solidariedade humana, cuja missão mais do que nenhum povo realizou Portugal, acordando pela sua actividade heróica a Europa marasmada na apatia da Idade Média.

## SEGUNDA ÉPOCA

### RENASCENÇA

#### 1.º PERÍODO: OS QUINHENTISTAS

(SÉCULO XVI)

No século XVI, justamente denominado o maior século da história, é incorporada a burguesia na ordem social moderna e estabelecida a independência do poder real, que, pelo seu imperialismo, avançava para a ditadura militar das monarquias absolutas. Esta transformação política foi simultânea com uma modificação profunda do estado mental, que se exprime pela designação complexa de Renascença, em que, a par de uma grande liberdade de espírito crítico, se liga um excessivo respeito às obras da Antiguidade Clássica, objecto exclusivo da cultura do Humanismo. A realeza imperialista favorecia essa autoridade doutrinária, que vulgarizava a teoria da *monarquia universal*, sonho megalómano dos reis, que no século XVI tentaram remodelar por ela o equilíbrio europeu. Com a crise do imperialismo envolveu-se o conflito do catolicismo, favorecendo, pelo seu universalismo teocrático, as ambições de Carlos V e, pelo

ressurgimento das autonomias nacionais, o protestantismo na Alemanha e na Inglaterra.

O livre espírito afastava-se das cortes e encontrava na burguesia um meio pacífico e o estímulo para a idealização da realidade; viu-se isto no génio português, essencialmente votado ao trabalho pacífico, no qual «actuava aquela excitação intelectual, de confiança jocunda e de audácia, que em certos séculos duplicam a potência do génio»<sup>1</sup>. O que se reconhece na floração helénica, observa-se em Portugal na grande época dos Quinhentistas, pela audácia individual que alarga e radica os novos descobrimentos geográficos; a intelectualidade portuguesa exerce-se influenciando no humanismo europeu, e nos trabalhos náuticos e matemáticos, no meio dos conflitos da absorção ibérica do *castelhanismo*, coadjuvado pela acção católica por meio das hecatombes da Inquisição, e da perversão moral da Companhia de Jesus. Esta excitação intelectual, é que fez com que Portugal cooperasse no esplendor da Renascença de um modo directo, sem prever que o castelhanismo da corte preparava a extinção da nacionalidade.

O grande quadro da história geral da Europa, quer na época pré-romana, na Idade Média e na Renascença, assenta sobre o conflito dos *homens medianos* do Sul (*Homo Asiaticus*, braquicéfalo) com os homens corpulentos do Norte (*Homo Europeus*, dolicocefalo, louro), sustentando actividade pacífica agrícola, industrial e mercantil, contra as invasões e ocupações armadas de tribos nómadas, que se uniam militarmente para a depredação. Foi o primeiro conflito, seis séculos antes da era moderna, dos Celtas corpulentos e louros contra os Lígures, destruindo as suas ligas federativas; continuaram essa corrente as tribos germânicas, que se arrojavam sobre o Ocidente apoderando-se dos destroços do império romano, fundando a forma social militarista do Feudalismo, em que toda a dignidade residia na esterilidade de uma aristocracia guerreira e o trabalho era o estigma da inferioridade pessoal ou da servidão. Este regime católico-feudal, assim denominado porque a Igreja é que favoreceu os bárbaros germanos para a ocupação da Itália, da França e da Espanha, caracteriza completamente a *Idade Média*, que pode bem

---

<sup>1</sup> Croizet, *Hist. de la Litterature grecque*, t. v, p. 384.

definir-se a fase do *germanismo triunfante*. Sob a pressão das monarquias absolutas e do obscurantismo católico, perdeu-se o conhecimento da cultura greco-romana; ficaram os costumes populares, entregues à sua espontânea estabilidade, constituindo os germes vitais das novas literaturas.

A Renascença foi a renovação da acção mental e social da Grécia e de Roma, em que o conflito dos homens medianos do Sul, tendo reconstituído a sua civilização, fortificados por esse espírito da ocidentalidade, submeteram os povos germânicos à cultura humanista (Helenismo) e à disciplina jurídica (Romanismo). Nesta crise complicada, ficaram desconhecidos os elementos tradicionais populares das classes servas que se tinham identificado com os *lites* germânicos; mas o *Romantismo*, no princípio do século XIX, fez a integração destes elementos tradicionais nas manifestações estéticas do génio das modernas nacionalidades.

Quando começou a Renascença? Segundo Lange, na *História do Materialismo*, este fenómeno complexo começa no século XV, abrange todo o século XVI e prolonga-se até ao XVII, apresentando diferentes aspectos, conforme as variadas fases da demorada crise da decomposição do regime católico-feudal. Prevaleceu o poder real sobre a teocracia da Idade Média, e a burguesia industrial sobre o feudalismo militar; os grandes descobrimentos marítimos dos Portugueses determinaram a actividade pacífica, normal, e o desenvolvimento da classe média, como também o conhecimento das duas literaturas clássicas fizeram do humanismo a reacção contra o dogmatismo teológico. Os eruditos da Renascença repeliram com desdém as criações medievais pela imperfeição da forma, e no seu fervor exclusivo da admiração da Antiguidade, a Renascença apresentou-se sob o aspecto *filológico* e *artístico*. Com a reacção católica ou renascença cristã, que se denominou o protestantismo ou a Reforma, a Renascença tomou um carácter especialmente *teológico* e *crítico*. Pelas navegações portuguesas e circundação do globo, prevaleceu a concepção astronómica do sistema planetário, preparando a corrente experimentalista, e a Renascença completa-se na sua actividade *científica* e *filosófica*. Em todas estas fases fundamentais está altamente representado o génio português. E é justamente neste século XVI que duas fortes correntes actuaram na desnacionalização de Portugal, o *castelhanismo* (com os casamentos reais, conduzindo à unificação ibérica, e acção católica pela In-

quisição e Jesuítas) e a cultura greco-romana ou o Humanismo, coadjuvando as ambições imperialistas, e obliterando a vitalidade popular.

Os grandes descobrimentos, que tinham suscitado as extraordinárias energias de Portugal, actuaram concomitantemente na sua decadência; o novo equilíbrio dos Estados peninsulares depois da conquista de Granada e do descobrimento da América assentou sobre a preponderância do *castelhanismo*, que se acha aliado com a unidade católica hostil a todo o sentimento de pátria. A corrupção da nobreza, de origem castelhana, pelo ouro da Índia e a cretinização do povo pelo terror religioso das fogueiras dos autos-de-fé coadjuvavam o apagamento da consciência nacional. A própria cultura humanista, degenerada pela acção deletéria da pedagogia jesuítica, veio amesquinhar a capacidade estética tão característica da alma portuguesa.

Um fenómeno extraordinário: apesar de todas estas correntes depressivas, em que a nação foi envolvida pelos interesses da Casa de Áustria e pelas perturbações do equilíbrio europeu, nunca o génio português brilhou tão esplendidamente como nesse período dos Quinhentistas; todas as suas manifestações afectivas e especulativas vigorizaram-se pela acção, e mau grado as influências sobre o meio social por via dos cruzamentos e dos conflitos de instituições que alteravam a vida do povo português, persistiu a *psicologia colectiva* desse elemento étnico, mantido pela insularidade regional, e assim pôde a poesia dramática, lírica e épica, a pintura, a música e a arquitectura serem a expressão viva do *lusismo*. O que aparecia como um paradoxo, era uma consequência natural.

## § I

### A CULTURA GRECO-ROMANA COMO NEGAÇÃO DA IDADE MÉDIA

A brusca solução de continuidade entre o século XVI e a Idade Média, provocando a intervenção mais impetuosa do poder temporal pela incerteza das doutrinas, das contradições e incoerências dos espíritos, revela-se nitidamente na dualida-



de artística, no antagonismo das duas escolas da poesia, da pintura, da arquitectura e da ourivesaria. Eram as *duas almas*, a helénica e a romântica, que somente os génios superiores da Renascença souberam conciliar. Os escritores eruditos separaram-se do povo, e nas suas academias adoptavam o latim; mas o forte desenvolvimento da burguesia actuou sobre a forma escrita das línguas vulgares, que pela ingenuidade do estilo igualavam a beleza das línguas clássicas.

No primeiro quartel do século XVI encontram-se estas duas correntes em conflito em Portugal; na cultura humanista começam a prevalecer as doutrinas de Nebrixa e Aires Barbosa com as ideias dos filólogos italianos. Gil Vicente, ao criar o teatro português, em vez de imitar como os italianos a comédia clássica plautina e aristofanesca, elabora literariamente os esboços populares do auto, implícito nos diálogos pastoris e hieráticos da Idade Média. Sá de Miranda, como epígono da Renascença portuguesa, na sua carta a António Pereira, senhor de Basto (est. 33), chamava afrontosamente *Pasquinos* aos que seguindo o gosto medieval dramatizavam e punham em cena os mistérios da religião. No prólogo da sua comédia *Estrangeiros* censura o ter-se substituído o nome de auto ao de comédia, consagrado pela Antiguidade, e verbera o emprego da redondilha e da rima na linguagem dramática. Ao justificar-se de preferir o nome de comédia, ao reproduzir as formas clássicas renovadas pelos italianos, escreveu no prólogo: «já sois no cabo, e dizeis ora não mais; isto é *Auto*, e não desfazeis as carrancas; mas o que eu não fiz até agora, não queria fazer ao cabo de meus dias, que é mudar de nome. Este (de *Comédia*) me deixai por amor de minha natureza, e eu também de *vossos versos*, que são forçados *daquelas consoantes*».

No lirismo mais se acentuava esta dupla corrente, a de cancionero ou da *medida velha*, em que era empregada a redondilha, e o petrarquismo, em verso hendecassílabo e de conceitos subjectivos. Jorge Ferreira de Vasconcelos refere-se com ironia à paixão dominante do gosto italiano, dizendo na sua *Aulegrafia*: «e hey muito grande dó de uns juizos poldros, e bem curtos de vista, que aceitam toda novidade sem juizo, a olhos, e assi me parece de vós, senhor, que por andar com *som de moderno sereis todo um Soneto*, e *condemnaes logo o outro verso*, sem mais respeito nem consideração» (fl. 165 v.º).

## ÍNDICE

### Vol. II

Portugal actuou na civilização europeia no século XVI.....	9
— É hoje afrontado pelos que desconhecem a sua história	10

---

### SEGUNDA ÉPOCA

#### RENASCENÇA

##### 1.º PERÍODO: OS QUINHENTISTAS

(século XVI)

O que foi o maior século da história.....	11
Floração do génio português.....	12
Renovação da cultura greco-romana.....	13
Fases da Renascença.....	13
Como o lusismo resiste às causas da sua obliteração.....	14

#### § I

##### A CULTURA GRECO-ROMANA COMO NEGAÇÃO DA IDADE MÉDIA

O antagonismo das duas almas.....	14
A comédia e o auto.....	15

A medida velha e o <i>dolce stil nuovo</i> .....	16
Os poetas quinhentistas tratam os dois estilos poéticos.....	17
O gosto italiano na arquitectura, pintura e ourivesaria.....	17
O que foi o estilo manuelino.....	17
Grão-Vasco e a influência flamenga.....	18
Ourives castelhanos favorecidos pela corte.....	18

*1.º O castelhanismo na corte, servindo a unificação ibérica*

O eterno divórcio entre o lusismo e o castelhanismo.....	19
Contraste entre a planura estéril de Castela e a vertente oeste de Portugal.....	20
O lirismo português na corte de Castela.....	21
— Sua persistência na corte de Fernando e Isabel.....	21
Os casamentos régios preparando a incorporação de Portugal.....	22
A ideia lusa da navegação atlântica científica, sisematicamente realizada.....	23
A expansão do castelhanismo foi destruidora.....	24
Os Quinhentistas mantêm o espírito da nacionalidade.....	25
Os Descobrimentos tornam verificável a concepção do sistema do mundo.....	25
Florescência das altas individualidades portuguesas.....	26
Sem os Descobrimentos Portugal teria sido absorvido pelo castelhanismo.....	26
Expulsão dos judeus, Inquisição e jesuítas servindo o plano castelhanista.....	27
Desnaturalização intelectual pelo emprego da língua castelhana na literatura.....	28
Poetas bilingues no <i>Cancioneiro</i> de Resende.....	29
Textos portugueses reelaborados em castelhano.....	30
Caracteres antropológicos e étnicos que tornam inconfundíveis as duas nacionalidades.....	31
Nos períodos bilingues persiste o <i>ethos</i> luso.....	31
Com a acção dos Descobrimentos, coincide a criação do teatro português.....	32

**A) Gil Vicente e a criação do teatro nacional**

A vida pública na Idade Média cria pela paródia a forma dramática.....	33
1.º <i>Naturalidade de Gil Vicente. O burgo de Guimarães</i> .....	33
A família de Gil Vicente e o seu mister de ourivesaria.....	34
A homonímia do poeta e do ourives.....	34

Genealogia do poeta .....	35
— Nasce em 1470 .....	36
— Influência da sua naturalidade no génio literário .....	36
— Vem para Lisboa frequentar os estudos em 1489 .....	37
— Mestre de retórica de D. Manuel.....	38
— Protege-o a rainha D. Leonor .....	38
2.º <i>A entrada na corte e os autos hieráticos</i> .....	39
As festas do casamento do príncipe D. Afonso em 1490 .....	39
Alusão de Gil Vicente à presença de D. João II .....	39
Autoridade filológica de Gil Vicente .....	41
Condições em que inicia a fundação do teatro português .....	41
Como se fixa a data de 8 de Junho de 1502 .....	41
Juízo de Ticknor sobre o <i>Monólogo do Vaqueiro</i> .....	43
Gil Vicente, ourives, faz nesse mesmo ano a <i>Custódia</i> de ouro	44
A égloga de Juan del Encina à morte do príncipe D. Afonso ....	44
<i>O Auto Pastoril Castelhana</i> .....	45
Actividade literária de Gil Vicente de 1502 a 1509 incompatível com os trabalhos de ourivesaria .....	45
Figura no <i>Cancioneiro</i> de Resende.....	46
Com os seus autos opulenta todas as festas da corte .....	46
3.º <i>Influência de Juan del Encina e superioridade de Gil Vicente</i> .....	47
Quem era Juan del Encina .....	47
Segundo Amador de los Rios, Gil Vicente desenvolve os seus esboços .....	47
— <i>Com mais graça e mais doutrina</i> .....	47
Gil Vicente superior a Encina no lirismo galaico-português ....	48
Menendez y Pelayo acentua a sua potência criadora no <i>Auto da Sibila Cassandra</i> .....	49
Crítica de Ticknor e de Maurice Kelley, afirmando a sua influência sobre Lope de Vega e Calderon .....	49
Gil Vicente elevou-se à comédia de costumes e ao melodrama romântico .....	50
— A sua obra relaciona-se com os <i>Colóquios e Elogio da Loucura</i> de Erasmo .....	50
— Exprime o pensamento e o espírito do século, segundo Bouterweck .....	51
— As suas invectivas contra a Igreja não são mais mordentes do que as dos místicos, moralistas e poetas dramáticos espanhóis.....	51
— Como domina o meio entorpecido e corrupto das cortes de D. Manuel e D. João III .....	53

O auto sacramental é criação de Gil Vicente, segundo Bou- terweck .....	53
Como artista dramático excede os poetas de seu tempo, se- gundo Menendez y Pelayo .....	54
A perfeição da <i>Comédia do Viúvo</i> .....	54
A trilogia das <i>Barcas do Inferno</i> , do <i>Purgatório</i> e da <i>Glória</i> .....	55
— São anteriores ao <i>Diálogo de Mercúrio y Caronte</i> , de Juan de Valdês .....	56
A reelaboração castelhana das <i>Barcas</i> .....	57
Influência profunda de Gil Vicente no teatro espanhol .....	57
— Imitam-no Lope de Vega e Calderon .....	57
— Por Bartolomé Palau na <i>Victoria Christ</i> .....	57
O nacionalismo de Gil Vicente impõe-se sobre o castelhanismo da corte .....	58
Quando o ourives Gil Vicente dirigia em Lisboa as festas do casamento do rei D. Manuel, o poeta representava em Évora a <i>Comédia de Rubena</i> .....	59
Dados biográficos do ourives Gil Vicente que esclarecem de vez a homonímia desses dois génios .....	59
Luta com os humanistas: a <i>Farsa de Inês Pereira</i> .....	61
<i>Frágua de Amor</i> — <i>Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela, Triun- fos do Inverno e do Verão</i> .....	62
O <i>Clérigo da Beira</i> e <i>Juíz da Beira</i> .....	63
A comédia famosa do teatro espanhol criada por Gil Vicente <i>Dom Duardos</i> escrito em 1524 .....	64
<i>Amadis de Gaula</i> .....	65
<i>Templo de Apolo</i> e <i>Farsa dos Almocreves</i> .....	65
<i>Nau de Amores</i> , <i>Divisa da Cidade de Coimbra</i> , <i>Triunfo de Inverno</i> .....	66
4.º Acção social de Gil Vicente: a luta pela liberdade de consciência Herculano refere na história das origens da Inquisição em Portugal como se opôs ao terror religioso dos frades .....	67
Representa-se em Bruxelas o <i>Auto da Lusitânia</i> em 1532 .....	68
O auto do <i>Jubileu de Amores</i> , hoje perdido, representado na em- baixada portuguesa de Bruxelas .....	68
Descoberta do <i>Auto da Festa</i> , de 1535, na livraria do conde de Sabugosa .....	70
Na <i>Floresta de Enganos</i> , de 1536, dá por finda a sua actividade literária .....	71
Coordena a sua obra a pedido de D. João III .....	71
Canções dos autos de Gil Vicente que se acham no <i>Cancioneiro Musical</i> de Barbieri .....	72

Garrett funda o teatro português moderno sobre a iniciativa de Gil Vicente .....	72
O centenário de Gil Vicente .....	73
A sua obra sempre profícua contra a <i>desnacionalização</i> .....	74

**B) Bernardim Ribeiro e o género pastoril**

Juízo de Bouterweck sobre o bucolismo português .....	75
Relação entre Sanazzaro e Bernardim Ribeiro pela tradição lírica .....	76
Mútuas analogias no esquema biográfico .....	76
Traços inconfundíveis de Bernardim Ribeiro apontados pelo Dr. Raul Soares .....	76
1482 a 1503 — Filho de Damião Ribeiro e Joana Dias Zagalo....	77
— Pela repressão da conjura do Duque de Viseu, Damião Ribeiro foge para Espanha em 1484.....	77
Infância de Bernardim na Quinta dos Lobos .....	78
Sua imaginação precoce .....	79
Lucrecia Gonçalves ( <i>Cruelsia</i> ) estimula a afectividade do poeta .....	80
Fim do refúgio de Sintra em 1496 .....	80
Amor por sua prima Joana Zagalo .....	81
Inês Zagalo, ama da Infanta D. Beatriz, obtém uma tença para Bernardim, para cursar a universidade .....	82
Na <i>Égloga II</i> trata o conflito dos dois amores .....	83
1505 a 1521 — Frequenta a Universidade de Lisboa .....	85
Intimidade com Sá de Miranda nos estudos e serões do paço .....	86
Intrigas de Gaspar Gonçalves junto do rei por causa da sua irmã Lucrecia .....	88
É imposto casamento a Joana Zagalo — <i>Memento</i> de Bernardim Ribeiro.....	89
Pero Gato é o noivo imposto a Joana .....	90
Confirmação pela <i>Novela</i> .....	91
Porque favoreceu a mãe de Joana esta violência .....	92
Aventura amorosa do rei D. Manuel com Isabel Zagalo .....	93
Época do casamento de Aonia .....	93
Interpretação da <i>Égloga I</i> .....	94
Elementos autobiográficos da <i>Égloga II</i> .....	95
— Referências a Sá de Miranda .....	96
1524 a 1536 — Bernardim Ribeiro reconduzido no cargo de escrivão da câmara de D. João III.....	96
O poeta começa a elaboração da <i>Menina e Moça</i> .....	97
Regressa Sá de Miranda da Itália .....	99

Nova época de serões do paço .....	99
As trovas de <i>Maria Pinheira</i> , sátira famosa contra o conde da Castanheira .....	100
— Atribuídas a vários poetas, e mais tarde a Damião de Góis	101
A Égloga III, publicada avulso em 1536 .....	103
Estado de decadência intelectual do poeta .....	103
Interpretação da Égloga IV .....	103
A Égloga V é um quadro da visita do poeta a Sá de Miranda, no Minho .....	105
Sá de Miranda na égloga <i>Aleixo</i> fez a narrativa dramática de Ribeiro .....	107
Bernardim visita em Estremoz Aonia recolhida no Convento de Santa Clara .....	107
1549 a 1552 — Falecimento de Bernardim Ribeiro no Hospital de Todos-os-Santos .....	108
<i>Bernardim</i> não se confunde com o <i>Crisfal</i> .....	108
A Novela da <i>Menina e Moça</i> , sua interpretação autobiográfica	108
 <b>C) Sá de Miranda</b>	
O seu lugar primacial na literatura espanhola .....	109
1.º <i>Os serões do paço</i> — Nascimento de Sá de Miranda em 1485	110
Os Sãs Colonezes .....	111
Frequenta a Faculdade de Leis na Universidade de Lisboa .....	111
Os seus amores por D. Isabel Freire .....	112
Poetas que frequentavam os serões do paço .....	114
D. João de Meneses e D. João Manuel .....	116
— Figuram nos cancioneiros castelhanos .....	116
Sã de Miranda apoda a velha poética .....	117
 <b>2.º O petrarquismo e a influência italiana</b>	
O novo estilo em Espanha .....	117
2.º <i>A viagem da Itália</i> (1521 a 1526) — Dissidências na corte dão motivo para a viagem de Sá de Miranda .....	118
A cultura humanística italiana .....	119
Visita Roma, Veneza e Milão .....	120
Impressão dos campos de Roma .....	121
A família Colonna .....	121
Regresso a Portugal em 1526 .....	122
Recepção de D. João III em Coimbra .....	122

3.º <i>Frequência na corte e seu ostracismo</i> — A dedicatória da <i>Fábula do Mondego</i> a D. João III .....	123
---	-----

**A) Início da escola italiana**

Ensaia o metro hendecassílabo em castelhano .....	124
Poética palaciana: Cançonetas, Letrilhas, Endechas e Esparsas	124
D. Leonor de Mascarenhas comparada à Marquesa de Pescara	125
Sua saída da corte em 1526 para Castela .....	126

**B) Luta com os poetas da medida velha (1526 a 1545)**

Reacção em Espanha e Portugal contra o novo estilo .....	127
Sá de Miranda conhece a origem trovadoresca da escola italiana .....	128
Alude à hostilidade que encontrara .....	129
O seu influxo começa depois de confinado na Comenda das Duas Igrejas .....	130

**C) Zagais da estremadura (discípulos de Sá de Miranda)**

O isolamento do poeta e visita aos solares de Crasto e dos Peireiras .....	130
Casamento com D. Briolanja de Azevedo .....	131
O príncipe D. João pede-lhe a colecção das suas poesias .....	132
Na égloga <i>Célia</i> refere a morte de Vitória Colonna em 1547 .....	132
Pede auxílio ao infante D. Luís para a escola nova .....	134
Poetas que se acercam de Sá de Miranda; os <i>Zagais da Estremadura</i> .....	135
D. Manuel de Portugal .....	136
Francisco de Sá de Meneses .....	136
Diogo Bernardes e Dr. António Ferreira .....	136
Jorge Ferreira de Vasconcelos .....	136
André Falcão de Resende .....	137

4.º <i>No remanso da província. Tristezas do fim da vida</i> — Disciplina moral e idealização da realidade .....	138
Recusa-se ao estudo das Linhagens .....	138
Correspondência em verso com Manuel Machado de Azevedo	139
Presente a ruína de Portugal .....	140
Morte de seu filho primogénito em Ceuta .....	141
— De sua mulher D. Briolanja dois anos depois em 1555	141
Falece na sua desolação moral em 1558 .....	141
Crítica bibliológica dos seus versos .....	142



### 3.º Os poetas da medida velha

A grande lacuna entre os cancioneiros trovadorescos e o Cancioneiro de Resende .....	142
Vestígios líricos tradicionais refluindo em Gil Vicente .....	143
Cantar de <i>solau</i> .....	144
Cantar de <i>ledino</i> (trovar <i>ladino</i> e <i>ladines</i> ) .....	146
Cantos judaicos em <i>ladino</i> , com a melodia da letra popular.....	148
A nota <i>sélah</i> dos Salmos .....	148
Canções portuguesas nos livros de música dos violistas castelhanos .....	148
Coplas castelhanas na corte .....	149
Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão exprimem pela redondilha o sentimento profundo .....	150
Influência de Garci Sanchez de Badajoz .....	150

#### CRISTÓVÃO FALCÃO

O que se sabia de Cristóvão Falcão antes de 1871 .....	152
O processo metodológico: 1872: Elaboração da Notícia genealógica dada por Alão de Morais .....	153
1897: Dos homónimos de Cristóvão foi escolhido o que era mais próximo do princípio do século XVI .....	153
1907: Descobre-se que o pai de Maria é João Brandão Sanches	
Ratificação de Cristóvão Falcão poeta.....	154
1.º <i>Personalidade de Cristóvão Falcão</i> — Filho de João Vaz de Almeida Falcão e de D. Brites Pereira .....	
Nasceu em 1515 .....	156
Casamento a furto com Maria Brandão, em 1529 .....	156
Maria Brandão.....	157
Documentos relativos a João Brandão Sanches, que explicam o drama amoroso de <i>Crisfal</i> .....	158
Denúncia dos amores infantis por Joana (Brandoa, que teve o morgado de Patalim) .....	160
Prisão por ordem paterna de Cristóvão Falcão no castelo .....	160
Maria depois de estar em Elvas é levada para o mosteiro de Lorvão .....	162
— Seu casamento com Luís da Silva de Meneses.....	163
— Era já falecida em 1555 .....	163
Documentos da Feitoria de Flandres que autenticam a personalidade de Maria .....	163

2.º <i>Quando foram escritas as Trovas do Crisfal</i> — Preso durante cinco anos (1531 a 1536), Cristóvão Falcão compôs pequenas canções líricas .....	164
Impressão profunda das <i>Trovas de Dois Pastores</i> , de Bernardim Ribeiro (Égloga III), em 1536 .....	165
Escreveu o <i>Crisfal</i> quando Maria ainda não era casada .....	166
O Dr. Raul Soares mostra como a paixão de <i>Crisfal</i> está em antinomia com a paixão de Bernardim .....	168
O sonho de <i>Crisfal</i> .....	172
O casamento a furto no século XVI .....	180
3.º <i>Comprovações históricas. A lenda da fonte do Crisfal</i> — O orgulho nobiliárquico de Almada Falcão .....	
Cristóvão Falcão em Roma em 1542 .....	181
Missão de D. João III, por causa do cardeal Silva .....	183
Carta de Francisco Botelho que autentica a prisão do poeta no castelo .....	184
Regresso de Cristóvão Falcão a Portugal em 1543 .....	185
Despachado feitor e capitão de Arguim em 1545 .....	185
Antes do seu regresso à corte mão anónima publica em 1546 as <i>Trovas do Pastor Crisfal</i> .....	187
Camões na sua Carta de África em 1547 citava versos do <i>Crisfal</i> .....	187
Prisão em 1548 de Cristóvão Falcão .....	188
Defende um filho de sua irmã Braçaida (Brísida) de Sousa da rapina de um padrasto .....	188
Casamento com D. Isabel Caldeira da qual enviuvou em 1553 .....	188
Publicada a <i>Menina e Moça</i> de Bernardim Ribeiro em Ferrara reuniram-lhe a égloga do <i>Crisfal</i> .....	189
O problema da <i>Segunda Parte do Sonho de Crisfal</i> e a lenda da <i>Fons Crisfalis</i> .....	189
Cristóvão Falcão morre em 1577 .....	190
<i>Coplistas e trovistas</i> — A descoberta da viola de arco vem avivar o gosto das redondilhas .....	
Os romances tomam forma literária .....	190
Portugal tem génio criador paralelamente com o castelhano ....	191
Falsas ideias castelhanistas sobre o romanceiro peninsular.....	192
Menendez y Pelayo reconhece nas obras escritas em castelhano o espírito nacional .....	194
A ausência de ideias de etnologia portuguesa, ou o desdém por arrojadas suposições .....	194
O castelhanismo na história política e literária de Portugal ....	196
A musa épica popular .....	198

Romances em castelhano referidos por Diogo do Couto .....	199
— Por Gil Vicente .....	200
— Por Jorge Ferreira de Vasconcelos .....	200
— Por António Prestes .....	201
— Por Camões .....	201
— Por Manuel Ocem .....	202
<i>Novelas e contos</i> — Os eruditos condenam as ficções medievais	203
<i>Clarimundo</i> de João de Barros .....	204
Francisco de Moraes e o <i>Palmeirim de Inglaterra</i> .....	204
Dedicado à infanta D. Maria em 1543 .....	206
Camões glosa versos do <i>Palmeirim de Inglaterra</i> , em 1544 .....	206
O texto castelhano do <i>Palmeirim de Toledo</i> , de 1547, dá-se o li- vreiro Miguel Ferrer por seu autor .....	207
O roubo castelhano acusado por Prestes no <i>Auto dos Dois Irmãos</i>	207
Restituição crítica por Odorico Mendes e Benjumea .....	208
<i>Os Triunfos de Sagamor</i> de Jorge Ferreira de 1554 transforma- dos no <i>Memorial da Segunda Távola Redonda</i> em 1567 .....	208
<i>A Menina e Moça</i> de Bernardim Ribeiro .....	209
— Interpretação dos seus anagramas .....	209
As <i>Trovas</i> de Bandarra, resto das Profecias de Merlim .....	210
Datas da vida de Bandarra tiradas do seu processo .....	210
<i>Os contos</i> — Forma literária da Idade Média .....	211
Gonçalo Fernandes Trancoso e as <i>Histórias do Proveito e Exemplo</i>	211

#### A escola vicentina

Desenvolvimento do teatro nacional .....	212
Gil Vicente cria nas tragicomédias o tipo da comédia famosa do teatro espanhol .....	212
Afonso Álvares, mulato, criado do bispo de Évora .....	212
— Sua luta com o Chiado .....	213
<i>Awos</i> seus que foram populares .....	214
António Ribeiro Chiado — Frade franciscano ribaldo .....	214
— Afonso Álvares caracteriza-o nas suas sátiras .....	214
— Sua vida em Lisboa, na Calçada de Paio Novais .....	216
— Conhecido por Jorge Ferreira de Vasconcelos e por Ca- mões .....	216
Baltasar Dias, poeta cego, ainda hoje popular .....	217
Luis de Camões segue a escola vicentina porque escreveu para os corros ou pátios da comédia .....	218

<i>António Prestes</i> , um dos mais fecundos poetas da escola vicentina .....	220
— Conhecia as lutas da escola italiana .....	220
<i>Gil Vicente de Almeida</i> , neto do criador do teatro nacional .....	221
O auto da <i>Donzela da Torre</i> .....	222
<i>Simão Machado</i> (Fr. Boaventura Machado) .....	223
Autos anónimos do século XVI .....	224
Auto do <i>Jubileu de Amores</i> de Gil Vicente .....	225
Devastação da escola vicentina pela censura clerical e companhias espanholas .....	225

#### 4.º *A plêiada portuguesa (escola mirandina)*

A terceira fase da influência italiana análoga à <i>plêiada</i> francesa .....	226
O Dr. António Ferreira, o doutrinário da escola .....	226
A cultura da língua portuguesa .....	227
Manifesto literário .....	228
Camões e Ronsard .....	232

<i>Doutor António Ferreira</i> — Nasce em Lisboa em 1528 .....	232
Recebeu a influência dos mestres trazidos por André de Gouveia para o Colégio Real .....	233
Seus primeiros amores .....	233
Novos amores e casamento com Maria Pimentel .....	236
Três anos durou esta fase de ventura .....	237
Em 1557 começa a coligir os seus versos nos <i>Poemas Lusitanos</i> .....	237
Segundo casamento em 1564 com D. Maria Leite .....	238
Depois da enviatura a Castela foi nomeado desembargador da Casa do Cível .....	239
Morre em 1569, vitimado pela peste grande .....	239

<i>Pedro de Andrade Caminha</i> — Entra muito criança para o serviço do infante D. Duarte .....	239
Sob a influência desse meio fanático e de D. Catarina de Bragança denuncia Damião de Góis à Inquisição .....	240
Aceita uma pensão de Filipe II .....	240
Falecimento em 9 de Setembro de 1589 .....	240
— Nasceu em 1515 .....	240
Suas relações antipáticas com Camões .....	241
Intima amizade com o censor dos <i>Lusíadas</i> .....	242

<i>Diogo Bernardes</i> — Filho de Catarina Bernardes Pimenta, natural de Ponte de Lima .....	243
O problema da terra natal do poeta .....	243

Nasceu em 1532 .....	244
Visita Sá de Miranda por 1552 .....	244
Veio a Lisboa em 1553 .....	244
Os seus amores com <i>Sílvia</i> , Luísa, dama de Ponte de Lima .....	245
Conhece a tragédia <i>Castro de Ferreira</i> em 1557 .....	246
Acompanha Pedro de Alcáçova Carneiro na embaixada a Filipe II em 1577 .....	246
Fica prisioneiro na derrota de Alcácer Quibir .....	246
Já resgatado em 1581, recebe uma tença de Filipe II, em 1582	247
— Mais outra em 1593 .....	247
Pelo Cancioneiro do P. <sup>o</sup> Pedro Ribeiro de 1577, Bernardes não plagiou Camões .....	248
Casa com <i>Sílvia</i> , já viúva, em 1593 .....	249
Período de actividade literária de 1594 até à sua morte, em 1605	250
<i>Fr. Agostinho da Cruz</i> — Irmão de Diogo Berrardes, nasceu em Ponte da Barca em 1541 .....	251
O meio beato da casa de D. Isabel de Bragança, professa aos vinte anos em uma ordem de penitência .....	252
Sua vida ascética na serra da Arrábida .....	252
Falecimento em 1619 .....	253
Os manuscritos dos seus versos .....	253
<i>D. Manuel de Portugal</i> — Amigo de Sá de Miranda e de Camões	254
Sua paixão inditosa por D. Francisca de Aragão .....	255
Os desastres nacionais impeliram-no para a vida ascética .....	255
Seu falecimento, em 1606 .....	255
<i>Francisco de Sá de Meneses</i> — Reivindicação do seu lugar na escola mirandina .....	255
Seus altos cargos do Estado .....	256
Recolhe-se a Matosinhos em 1584 .....	256
<i>Jorge da Silva</i> , sua homilia em tercetos .....	257
<i>André Falcão de Resende</i> — Seu nascimento em 1535 .....	258
Seus estudos em Évora e Coimbra .....	259
Juiz de fora em Torres Vedras em 1577 .....	259
Morre da peste em 1599 .....	259
<i>O teatro clássico: comédias e tragédias</i> — A comédia <i>Eufrosina</i> de Jorge Ferreira assinala a nova iniciação da comédia clássica .....	260
As imitações da <i>Celestina</i> .....	260
As duas Comédias de Sá de Miranda representadas em 1538	261

Época em que Ferreira elabora as comédias de Cioso e <i>Bristo</i>	261
O teatro clássico nos colégios e na universidade .....	261
A tragédia <i>Cleópatra</i> de Sá de Miranda .....	262
A tragédia <i>Castro</i> , de Ferreira, de 1557 .....	263
Plágio castelhano de Bermudez em 1575 .....	264
O texto avulso da <i>Castro</i> de 1587 tem grandes variantes da dos <i>Poemas Lusitanos</i> .....	264
Inferioridade do texto castelhano .....	264
<i>Novelas pastorais</i> — Sua característica .....	265
Jorge de Montemor nasce em 1523 .....	265
Saída para Espanha em 1541 .....	265
Regressa a Portugal em 1543, acompanhando a capela da prin- cesa D. Maria, consorciada com Filipe II .....	267
Quando compõe o seu fragmento inicial da <i>Diana</i> .....	267
Acompanha para Portugal em 1553 a infanta D. Joana despo- sada com o príncipe D. João .....	268
Suas relações com Sá de Miranda .....	268
Mercê que lhe concede D. João III .....	270
Volta para Espanha antes do falecimento do príncipe D. João	270
Protecção da princesa viúva D. Joana .....	270
Morre em duelo no Piemonte em 1561 .....	271
A <i>Lusitânia Transformada</i> de Álvares de Oriente .....	271
Volta para a Índia em 1591 .....	272
Falecimento da peste em 1599 .....	272

## § II

### CAMÕES E O SENTIMENTO NACIONAL

As duas almas na Renascença .....	272
Espíritos que conciliam as duas épocas clássica e medieval ...	273

#### A) Vida do poeta

1.º Nascimento em Lisboa. Mocidade em Coimbra; seus estudos e pri- meiros amores .....	274
Antecedentes atávicos .....	274
Nasce em Lisboa em 1524 .....	276
O cômputo eclesiástico .....	277
Sua família em Coimbra em 1527, por ocasião da peste do Alen- tejo e Estremadura .....	277
Os Camões de Coimbra: sua prima Isabel Tavares .....	278
Os amores de <i>Belisca</i> ou <i>Sibela</i> .....	279

Soneto incompreendido de Camões .....	280
Época em que entra para os estudos menores .....	281
Mudança da universiade para Coimbra em 1537 .....	282
Influência dos <i>Diálogos de Amor</i> no seu lirismo .....	282
Termina o curso de Artes (bacharel latino) em 1542 .....	283
Saída forçada de Coimbra, revelada pela Canção IV .....	283
A soberba de <i>Belisa</i> (Isabel Tavares desposa Álvaro Pinto) .....	285
2.º <i>Na Corte de D. João III. Novos amores. Segundo desterro, no Ribatejo. Dois anos em Ceuta. Terceiro desterro, em África</i> .....	286
O meio agitado de Lisboa .....	286
Vida airada em 1543 .....	287
Invasão dos Jesuítas na corte .....	288
Uma carta de Camões fala nos denominados Apóstolos .....	289
Camões vê as colgaduras da Índia nos Paços da Ribeira .....	290
A corte literária da infanta D. Maria .....	291
O problema de Catarina de Ataíde .....	293
Filha de D. António de Lima .....	295
Despeito de Camões contra os Gamas .....	296
Porque saiu o poeta da corte .....	297
Demora-se pelo Ribatejo .....	299
Parte para Mazagão em 1547 .....	300
Estação de dois anos em Ceuta .....	300
Regressa a Lisboa em 1549 e inscreve-se na Armada da Índia de 1552 .....	301
Não seguiu viagem .....	301
3.º <i>O embarque forçado para a Índia. Cruzieros. Naufrágios. O injusto mando. Esperanças no príncipe D. João, grande amador de poesia</i> .....	301
As intrigas do odiento Caminha .....	303
Esperanças em António Pinheiro, humanista mestre do príncipe	303
Preso no Tronco da Cidade pelo conflito com Gonçalo Borges	304
Idealiza a narrativa da <i>História do Descobrimento da Índia pelos Portugueses</i> , de Castanheda .....	304
Embarca na nau <i>S. Bento</i> em 1553 .....	306
Única nau da Armada que chega neste ano a Goa .....	306
A expedição ao Chembé .....	307
Vida soldadesca em Goa .....	308
Vai na expedição aparatosa de 1554 ao Mar Roxo .....	309
Bárbara cativa .....	311
Vai no ceuziero de 1555 estacionar junto do Monte Félix .....	312
No governo de Francisco Barreto embarca na armada do Sul em 1557 .....	313

Chega a Malaca, e em Setembro observa na ilha de Ternate o intermitente vulcão .....	314
Primeiro naufrágio na viagem que fez para a China .....	314
A lenda da <i>Provedoria dos Defuntos e Ausentes</i> .....	315
Os <i>Penedos de Camões</i> em Macau .....	316
O injusto mando .....	317
Naufrágio na costa de Cambodja em princípio de 1559 .....	318
A comprovação dos dois naufrágios .....	319
Chegada a Goa em 1561: recebe a notícia da morte de Natércia	321
Deixa Goa, indo para Moçambique, onde se encontra na externa penúria .....	323
Segue na nau <i>Santa Clara</i> , que arriba a Moçambique em 1569	324
Aporta à ilha Terceira (a <i>ilha de Cristo</i> — a <i>insula divina</i> da ilha dos Amores) .....	324
A flora açoriana na ilha dos Amores .....	325
Chega a Cascais em 7 de Abril de 1570 .....	325
4.º <i>Regresso à Pátria. Publicação dos Lusíadas. Alcácer Quibir. Morte de Camões. Triunfa o castelhanismo</i> .....	326
Desolação de Lisboa, aplacada a Peste Grande de 1569 .....	326
O roubo dos seus versos líricos coligidos sob o título de <i>Parnasco</i> .....	326
Como era governada a nação .....	328
Camões é protegido por D. Francisco de Aragão para que se imprima o seu poema .....	328
Impressão causada pelos <i>Lusíadas</i> .....	329
É celebrado por Tasso e Herrera .....	331
Depois do desastre de África e o tempo das alterações .....	332
A peste de 1578 e 1580 quebranta os ânimos .....	333
O provedor-mor da saúde, Fernão de Pina Marrecos, arroja para os barracões dos pestosos os suspeitos de contrários a Castela .....	334
Camões arrojado para tropel dos <i>impedidos</i> .....	334
Lançado à vala do Adro da Peste na encosta de Santa Ana (10 de Junho de 1580) .....	335
Como Filipe II julgava <i>fanfarria</i> a resistência de Portugal .....	336

#### B) A escola camoniana

Como se recompôs o <i>Parnaso</i> .....	336
O lirismo de Camões acorda pela concepção estética a actividade lusa .....	337
Sua concepção filosófica do Amor .....	337



1.º Os líricos camonianos — Quase todos seus companheiros na Índia.....	339
<i>João Lopes Leitão</i> — Consagra o génio épico de Camões em um soneto .....	339
<i>Heitor da Silveira</i> — O drama tormentoso da sua vida .....	341
Casou em Évora com D. Isabel Falcão, irmã de André Falcão	342
Morre à vista da terra, na chegada da nau <i>Santa Clara</i> .....	345
<i>António de Abreu, Luís Franco Correia, Diogo do Couto</i> — todos alardeavam o título de <i>amigos e companheiros de Camões</i>	345
<i>Fernão Álvares de Oriente</i> — Dados biográficos .....	347
<i>P.º Pedro Ribeiro</i> — Pároco de Santa Luzia em Goa .....	347
Quando coligiu para o seu cancionero as poesias de Camões	348
Obtém por via de Álvares de Oriente os versos de Bernardes	349
<i>Miguel Leitão de Andrade</i> — Traços autobiográficos na <i>Miscelânea</i> .....	349
Como fugiu do cativeiro de África .....	350
Casamento com sua prima D. Beatriz de Andrade .....	350
A falsa acusação de ter dado morte a sua segunda mulher, D. Isabel de Atouguia .....	350
Consagra Camões na igreja de Santa Ana .....	351
<i>D. Gonçalo Coutinho</i> — Poeta iniciado por Diogo Bernardes .....	351
A lápide na suposta sepultura de Camões.....	351
Seus amores com <i>Armia</i> (D. Maria de Oliveira) .....	351
<i>Fernão Rodrigues Lobo Soropita</i> — O primeiro coleccionador das <i>Rimas de Camões</i> .....	353
Sátira contra os que se venderam a Filipe II .....	354
<i>Estácio de Faria</i> — Camões consagra-o em um soneto .....	355
<i>Pedro da Costa Perestelo</i> — Escreve o poema sobre a batalha de Lepanto .....	356
Secretário do cardeal Alberto .....	357
A <i>Sátira a Madrid</i> .....	358
<i>Francisco Galvão</i> .....	358
<i>Manuel da Veiga Tagarro</i> — Realidades da <i>Laura</i> de Anfriso .....	358
Seus amores com D. Margarida de Noronha .....	361
Ambos abraçam a vida religiosa .....	362
Admiração por Camões .....	363
<i>Baltasar Estaco</i> .....	364
<i>Vasco Mouzinho de Quevedo</i> .....	365
<i>Baltasar de Brito e Andrade</i> (Fr. Bernardo de Brito) .....	366
O problema da <i>Sílvia de Lizardo</i> .....	368
<i>Estêvão Rodrigues de Castro</i> .....	369
2.º Os <i>Lusíadas</i> e as <i>epopeias históricas do século xvi</i> — Falsa compreensão dos eruditos da Renascença .....	370

Camões, segundo Hegel, idealiza os interesses que anunciam uma era nova .....	371
A luta entre o Oriente e o Ocidente .....	371
A missão ocidental definida no cosmopolitismo .....	371
Camões concilia as duas almas .....	372
Nos <i>Lusíadas</i> perpetua o ideal da nacionalidade .....	373
A simpatia social explica o influxo do génio de Camões .....	376
<i>Jerónimo Corte Real</i> e as suas epopeias históricas.....	377
Filipe II agradece-lhe o interesse pelas suas coisas .....	379
<i>Luís Pereira Brandão</i> autor da <i>Elegiada</i> , esteve cativo em África	380
<i>Francisco de Andrade</i> metrificava o <i>Primeiro Cerco de Diu</i> .....	380
<i>Vasco Mouzinho de Quevedo</i> dissolve a Epopeia histórica em alegórica .....	380

### § III

#### O HUMANISMO EM PORTUGAL

Actividade intelectual provocada pelas literaturas clássicas....	381
Duplo conhecimento do mundo cósmico e do mundo moral....	381
Aspectos do grande quadro da Renascença .....	382

##### A) Período filológico e artístico

Primeiros estudos da língua portuguesa .....	385
1.º As Gramáticas de <i>Fernão de Oliveira</i> (1536) e de <i>João de Barros</i> (1539) .....	386
a) As alterações fonéticas .....	389
b) As alterações morfológicas.....	390
c) As alterações sintáxicas .....	391
A gramática de João de Barros .....	392
2.º O <i>humanismo italiano</i> — A Itália acorda o sentimento huma- no na Renascença .....	394
O ensino fora das Universidades.....	394
Portugueses na Itália .....	395
Aires Barbosa, André de Resende, Aquiles Estaço .....	395
Gosto italiano na arquitectura e na pintura .....	397
3.º O <i>humanismo francês</i> — Paris centro das disciplinas escolás- ticas .....	398
Mestres <i>parisienses</i> nos Colégios de Santa Cruz de Coimbra ....	399

Reforma e transferência da Universidade de Lisboa para Coimbra .....	399
O Colégio Real organizado por André de Gouveia em 1547 ....	400
Perseguições da Inquisição contra os professores do Colégio Real.....	401
É entregue o Colégio aos Jesuítas .....	402
 4.º <i>O humanismo alemão</i> — Sem a Reforma, pela sua acção social, a Renascença ficaria estéril .....	402
André de Resende exalta os estudos da Alemanha.....	403
O <i>erasmismo</i> — D. João III pretendeu convidar Erasmo para a reforma dos estudos.....	404
Damião de Góis conviveu com Erasmo .....	404

#### **B) Período teológico e crítico**

Cessa o império exclusivo da verdade teológica .....	405
O poder espiritual tende a deslocar-se da Igreja .....	406
 <i>a) Influência da Inquisição em Portugal</i> .....	406
Começa a <i>apagada e vil tristeza</i> .....	407
 <i>b) Os Jesuítas apoderam-se do ensino público</i> .....	407
Rapto dos filhos das famílias fidalgas.....	408
O Colégio das Artes incorpora o Colégio Real .....	409
Imposição do aristotelismo .....	410
Publica-se o <i>Rol dos Livros proibidos</i> .....	410
Proíbem-se as representações teatrais .....	411

#### **C) Período científico e filosófico**

Aos estudos literários segue-se a revelação científica do Helenismo.....	412
 <i>a) Dr. Pedro Nunes; D. Francisco de Melo</i> .....	413
Viète teve como precursor Pedro Nunes .....	413
Sua influência nos estudos de <i>Ticko Brahe</i> e <i>Halley</i> .....	414
<i>D. Francisco de Melo</i> .....	415
O <i>Dr. Garcia de Orta</i> consagrado pela ciência moderna pelos seus <i>Colóquios dos Simples e Drogas</i> .....	415
O espírito experimentalista e o tradicionalista .....	416
 <i>b) A síntese negativista de Francisco Sanches</i> — Aristóteles atacado por Pedro Ramus.....	417

António de Gouveia restabelece a supremacia de Aristóteles ...	417
A família dos Gouveias em França .....	418
A Filosofia Conimbricense .....	419
Dados biográficos de Francisco Sanches .....	419
O seu livro <i>Quod nihil scitur</i> .....	420
Predecessor da escola escocesa, de Kant e Comte.....	420

#### § IV

#### HISTORIADORES, VIAJANTES, MORALISTAS

O espírito científico moderno .....	421
-------------------------------------	-----

#### DAMIÃO DE GÓIS

Os elementos da sua biografia.....	422
Seu nascimento em Fevereiro de 1502.....	423
Moço fidalgo, educado no palácio desde 1517 .....	423
Despachado para a Feitoria de Flandres em 1523 .....	423
Missão às cortes de Polónia e Dinamarca em 1529 e 1531 .....	423
Serviços oficiais na Alemanha, Flandres, Brabante e Holanda	424
Chamada de Flandres em 1533 para tesoureiro da Casa da	
Índia .....	424
Demora-se quatro meses em Portugal e obtida a escusa, parte	
para a Alemanha e visita Erasmo .....	424
Hóspede de Erasmo cinco meses, vai para os estudos de Pádua,	
recomendado a Bembo .....	425
As cartas de Erasmo a Góis .....	425
Estudos em Pádua durante quatro anos .....	426
Volta para Lovaina; seu casamento com Joana de Harguen	
em 1538 .....	426
O seu livro <i>Filder, Religio, Moresque Ethiopum</i> condenado	
pelo cardeal D. Henrique .....	427
O cerco de Lovaina em 1542; é eleito para dirigir a defesa da	
cidade.....	427
Como foi feito prisioneiro por violação da trégua e mandado	
para França .....	427
Chamado a Lisboa por D. João III para mestre e guarda-roupa	
do príncipe D. João em 1545 .....	429
O jesuíta P. <sup>e</sup> Simão Rodrigues denuncia na Inquisição de Évora	
Damião de Góis .....	429
É nomeado em seu lugar António Pinheiro.....	430

Damião de Góis nomeado para a Torre do Tombo em 1548 ...	431
— É encarregado de escrever a <i>Crónica do Rei D. Manuel</i> ...	431
— Cai no desagrado de D. Isabel de Bragança e de sua filha D. Catarina .....	432
A <i>Crónica de D. Manuel</i> de 1556 é alterada e truncada nas passagens que se referem à traição dos Braganços e suas doações régias .....	432
Falecimento de Joana de Harguen em 25 de Setembro de 1567	432
Como se descobriu o texto alterado da <i>Crónica</i> .....	433
O cronista da Casa de Bragança conheceu o texto suprimido de Góis .....	435
Preso e entregue à Inquisição em 4 de Abril de 1571 com todo o resguardo .....	436
Queixa da morosidade do processo depois de dezasseis meses preso .....	436
Condenado a cárcere perpétuo em 16 de Outubro de 1572 .....	438
Confiscados seus bens é entregue ao mosteiro da Batalha para o cárcere penitencial .....	438
Sua morte em 30 de Janeiro de 1574 misteriosamente (afogado?, com apoplexia, estando ao braseiro?) .....	438
<i>Fernão Lopes de Castanheda</i> .....	438
Como os últimos dois livros da <i>História do Descobrimento e Conquista da Índia</i> se truncaram oficialmente .....	439
— Sua vida de fadigas sem recompensa .....	439
<i>Antônio Galvão</i> , sua individualidade extraordinária .....	440
Vítima da injustiça, morreu sem ser atendido .....	441
<i>João de Barros</i> oferece-se a D. João II para escrever as <i>Décadas da História da Índia</i> .....	441
<i>Gaspar Correia</i> embarca para a Índia com dezassete anos em 1512 .....	442
Consulta testemunhas contemporâneas do descobrimento da Índia para compor as <i>Lendas da Índia</i> .....	442
— É mandado assassinar por D. Estêvão da Gama, bisneto do Almirante .....	442
As <i>Lendas da Índia</i> , obtidas por Miguel da Gama, ficam sequestrados da publicidade durante três séculos .....	443
Diogo do Couto nasce em 1542 .....	444
Vicissitudes das suas <i>Décadas</i> .....	444
Documentos autobiográficos inéditos .....	445
Decadência das crónicas oficiais em cronicões claustrais .....	446
Viajantes: Fernão Mendes Pinto, suas extraordinárias viagens	446
Como as modernas viagens da Índia, China e Japão restituem a sua altra importância etnológica .....	447

Suas relações com S. Francisco Xavier coadjuvando a missão dos Jesuítas .....	447
É atraído para a Companhia de Jesus, que lhe apanha os seus capitais .....	447
Expulso da Companhia de Jesus, apagam o nome de Mendes Pinto nos livros da correspondência dos colégios .....	448
Moralistas católicos e a moral secular universal .....	449
João de Barros: hmónimos .....	450
<i>Os Ditos da Feira</i> .....	450
Fr. Tomé de Jesus — Dr. Diogo de Paiva de Andrade .....	451
O P. <sup>e</sup> <i>Luís Álvares</i> e o seu sermão nas exéquias de D. Sebastião	452
<i>A perda da nacionalidade portuguesa. Revivescência pela literatura</i>	452
A língua portuguesa conservada nos Pátios das Comédias .....	453
A zona estéril de Castela apodera-se da fértil vertente portuguesa .....	453
No último quartel do século XVI manifesta-se um forte interesse pela literatura portuguesa .....	454
Sentido de igual fenómeno na Itália e na Alemanha .....	455
O <i>ethos</i> português na poesia, na pintura e na música prevalece sob o castelhanismo .....	455
Os navegadores portugueses fizeram a grandeza marítima de Espanha .....	456
O castelhanismo triunfante sob Filipe II foi o isolamento de Espanha da civilização europeia e a sua ruína .....	457
Portugal pela sua obra da Renascença bem merece o acatamento das Nações .....	458